

DA HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA À HISTÓRIA RELIGIOSA:
LUSITANIA SACRA: PRINCIPAIS VECTORES
DO TRABALHO REALIZADO

MANUEL CLEMENTE *

1. Quando o nosso Centro e a nossa revista mudaram a classificação da história de “eclesiástica” para “religiosa”, quiseram acompanhar a mudança geral da historiografia contemporânea, do marcadamente institucional para um âmbito mais global e integrado. “Eclesiástica” sublinhava a organização e a actuação da instituição eclesial, quase clerical; “religiosa” abria num duplo sentido: ou à dimensão mais íntima e interior da crença, ou indo além da confessionalidade estrita.

Mas tal mudança não implicou a passagem da atenção dos responsáveis e autores da revista para horizontes menos concretos e definidos, ou mais sintéticos e abstractos, quase como uma filosofia ou teoria da história. Pelo contrário, alargou a apreensão da realidade histórica, conjugando estudos rigorosos de cada uma das suas componentes culturais, sociais, económicas até; alargamento esse que necessariamente incluiu tópicos que não eram contemplados – nem talvez suspeitados – como integrantes do devir histórico da sociedade crente.

Por outro lado, nas últimas décadas, vivências e mentalidades têm-se sedimentado muito mais no âmbito particular e até individual. E tal levou, coerentemente, à investigação de realidades como a família e a vida privada, ou o simbólico e o lúdico, quais campos novos e promissores de investigação. Tal se repercutiu também no campo da história religiosa, que em cada uma destas realidades não teve dificuldade em descobrir aspectos que lhe dizem obrigatoriamente respeito.

* Membro e terceiro Director do CEHR (2001-2007).

Foi também neste sentido que o nosso Centro foi evoluindo, como lugar de encontro de percursos historiográficos particulares, reconhecendo a relevância, também a nível religioso, amplo e profundo, das abordagens históricas mais variadas, aproximando campos e metodologias. A prática já consolidada de encontros regulares e seminários sobre cada época histórica, reunindo no Centro de Estudos de História Religiosa investigadores de tantas proveniências e especialidades, tem sido bem aproveitada e reconhecida pelos seus frequentadores, aplicados e atentos. E estes mesmos não têm dificuldade em reconhecer a incidência dos seus estudos particulares no campo novo da história religiosa. Trata-se, pois, duma mútua atenção, activada pelo nosso Centro: da historia religiosa, estendendo mais o seu interesse a todas as matérias em que a humanidade se joga, como ultimação e sentido; e dos cultores das variadas ciências, à relevância que estas mesmas podem ter no campo religioso.

Além da boa prática e da justa conveniência que tal proporciona a muitos, creio que este tem sido um dos campos em que a actividade do Centro mais apreciada é e mais futuro nos abre. Concomitantemente, esta nova amplitude tem tido reflexos crescentes na temática de cada número da *Lusitania Sacra*.

2. Naturalmente, a nossa revista tem seguido a orientação geral da historiografia deste campo. Quando, há seis anos, a tão prestigiada *Revue d'Histoire Ecclésiastique* se abalçou a fazer um relance sobre “dois mil anos de história da Igreja”, escolheu um considerável elenco temático, onde se inscrevem dinamismos e resistências internas (com capítulos sobre a santidade, o mal e o pecado, a autoridade na Igreja, os padres e os religiosos, os leigos, e ainda a emergência das mulheres); dinâmicas externas: a Igreja ao encontro dos outros (com capítulos sobre a expansão cristã e a inculturação, o ecumenismo, a Igreja Católica e o judaísmo no século XX, e ainda a Igreja, a sociedade moderna e os direitos do homem); finalmente, a Igreja e as ciências humanas ¹.

Concluindo esse notável relance, feito por muitos autores e especialistas, Roger Aubert tece considerações que de bom grado recolhemos para a nossa *Lusitania Sacra*, seu presente e futuro. Lembra, por exemplo, que a mudança de “eclesiástica” para “religiosa” nesta faixa historiográfica

¹ Cf. Deux mille ans d'histoire de l'Église: bilans et perspectives historiographiques. *Revue d'Histoire Ecclésiastique*. 95: 3 (juill.-sept. 2000).

advém duma concepção mais larga da realidade eclesial, tributária da reflexão do último concílio ecuménico:

“Esta nova orientação das pesquisas teve a consequência notória de nos nossos dias se preferir frequentemente falar de história *religiosa*, mais do que de história eclesiástica. É inegável que, sob o vocábulo ‘História da Igreja’, se teve por muito tempo tendência a tratar principalmente, senão unicamente, das instituições eclesiásticas, sendo estas aliás por vezes – vezes de mais? – resumidas apenas ao papado e que, nesta perspectiva, [os autores] se concentraram frequente e quase exclusivamente no exame das leis mais do que na prática, ou nas relações da Igreja com os Estados mais do que com a sociedade. Todavia, este retraimento lamentável das perspectivas explicava-se em boa parte por uma concepção inexacta do que é realmente ‘a Igreja’. Esta é, como lembrou o recente concílio Vaticano II “‘Povo de Deus’: certamente, não uma poeira de indivíduos sem relação entre si, mas antes uma comunidade estruturada em torno de dirigentes responsáveis; no entanto, do mesmo modo que um povo não se identifica só com os seus chefes, a Igreja não se reduz à sua hierarquia”².

Sem que, com isto, se deixe de reconhecer alguma imprecisão no adjectivo “religiosa”, uma vez que este também se aplica a outros campos confessionais, que não só ao da Igreja católica, mesmo considerada como “Povo de Deus”. Aubert acrescenta porém que os cristãos contactam com outros tipos de crentes, o que também deve interessar os historiadores do cristianismo³. E insiste na necessidade da nova perspectiva não dissolver por completo a antiga:

“O novo não deve substituir-se ao antigo, mas completá-lo. [...] É excelente não nos ocuparmos só dos papas e dos bispos, dos grandes teólogos ou dos santos, e darmos lugar crescente à vida quotidiana dos simples padres e dos simples fiéis. Mas com a condição de não esquecermos que esta vida quotidiana foi influenciada, por vezes fortemente, por [grandes] personalidades [religiosas]”⁴.

Aliás, continua Aubert, sendo boa a reacção a uma historiografia de ideias “puras”, como se não tivessem sido trabalhadas e propagadas por

² Cf. AUBERT, Roger – Nouvelles frontières de l’historiographie ecclésiastique. In *ibidem*, p. 773-774.

³ Cf. *ibidem*, p. 775.

⁴ Cf. *ibidem*, p. 779-778.

pessoas situadas e contingentes, não podemos omitir o valor intrínseco do pensamento e a grande fecundidade histórica que manteve e continuará certamente a manter no futuro. Rematando:

“Mas é preciso constatar que, seja qual for a importância, demasiada esquecida anteriormente, sobretudo pelos historiadores da Igreja, dos factores económicos e sociais na vida da humanidade, resta uma parte de verdade no velho adágio: ‘as ideias movem o mundo’. E as ideias religiosas em particular. Por isso, a história religiosa não pode desinteressar-se da história da teologia, nem da história da filosofia, nem igualmente da história das teorias políticas. Todavia, pelo ângulo da história das mentalidades, importa abordá-las hoje numa perspectiva renovada”⁵.

Com gosto nos revemos na lição do grande mestre de Lovaina, todos os que temos feito da *Lusitania Sacra*, verdadeiramente, a nossa revista. Os vectores que a têm orientado, da primeira para a segunda série, ilustram de algum modo uma idêntica senda.

3. Algo deste andamento vectorial se pode perceber, juntando rápidas referências ao lançamento (1956) e ao relançamento da revista (1989). Na Epifania de 1956, num encontro dos fundadores do Centro e da revista com o Cardeal Cerejeira, Monsenhor Miguel de Oliveira sentia alguma urgência apologética, para combater a influência de historiografias não-católicas (liberal ou comunista), em Portugal: “Importa não abandonar o campo aos seus adversários”⁶. Em resposta, o prelado lisbonense, antigo professor de História na Universidade de Coimbra, adiantava razões de ordem cultural e pátria:

“Portugal não pode compreender a sua história sem conhecer a história da Igreja. Infelizmente, estando a Igreja presente em todas as épocas da nossa história, desde a formação da alma nacional até à expansão portuguesa no mundo e à elevação da cultura em todos os aspectos, havia de reconhecer-se quanto são ainda deficientes os estudos de história da Igreja em Portugal”⁷.

Miguel de Oliveira sugerira “Lusitania Sacra” para título da nova revista, lembrando ser também esse o da obra prometida pela Academia Real

⁵ Cf. *ibidem*, p. 780.

⁶ Crónica. *Lusitania Sacra*. 1 (1956) 296.

⁷ *Ibidem*, p. 296-297.

da História em 1720, para “ilustrar as Igrejas Catedrais deste Reino”⁸. Mas toda a primeira série – dirigida até 1968 pelo mesmo Miguel de Oliveira – manifesta o interesse dos seus autores pelos mais variados tópicos da vida católica portuguesa, muito além do âmbito ministerial ou da administração eclesiástica. E devemos acrescentar que, saudando a nova revista, D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, juntava de modo certo o interesse geral da nova publicação, porque humanista, com a respectiva radicação portuguesa e católica, porque necessariamente situada:

“Estamos comprometidos na natureza humana; nascemos embarcados, embarcados na espécie humana, numa pátria, numa religião, numa cultura. A melhor maneira de nos aproximarmos da objectividade é reconhecermos estes dados positivos; a segura maneira de tudo errarmos e confundirmos é querer e supor que podemos eliminá-los ou que já os eliminámos”⁹.

Tal definição da revista como iniciativa católica – hoje de um Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa –, realmente interessada pelos mais amplos contornos da religião no seu devir, transpareceu no primeiro número da 2ª série, quando se redefiniram os objectivos do Centro em que se integra, com as seguintes palavras:

“A alteração do nome do Centro procura traduzir os actuais objectivos de trabalho: realização e promoção do estudo da História da Igreja em Portugal, dentro do quadro mais vasto da análise do fenómeno religioso na sociedade portuguesa. [...] Assim, uma dimensão fundamental no trabalho do Centro de Estudos de História Religiosa será contribuir no debate cultural para o aprofundamento das análises acerca da Religião e Sociedade e, muito particularmente para a reflexão sobre o papel do catolicismo na estruturação da sociedade portuguesa”¹⁰.

Creio que a revista se tem mantido e consolidado em tais vectores. Lembrando os que a iniciaram e agradecendo a notável colaboração de quantos a têm garantido, número após número, creio que as presentes Jornadas a todos nos inspirarão para o seu futuro.

⁸ Cf. *ibidem*, p. 297.

⁹ GOMES, D. António Ferreira – Saudação. *Ibidem*, p. 12.

¹⁰ Crónica. *Lusitania Sacra*. 2ª série. 1 (1989) 338. Assinada pel’A Direcção, então composta por António Montes Moreira (Director), Luís António Oliveira Ramos, Pio G. Alves de Sousa, Carlos A. Moreira Azevedo e Paulo F. de Oliveira Fontes (Secretário).